



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**INSTITUTO DE LETRAS**

**ISABELLA MACHADO JORGE**

**A ELITIZAÇÃO DO ENSINO DE INGLÊS EM LIVROS DIDÁTICOS  
INTERNACIONAIS**

**BRASÍLIA**

**2023**

**ISABELLA MACHADO JORGE**

**A ELITIZAÇÃO DO ENSINO DE INGLÊS EM LIVROS DIDÁTICOS  
INTERNACIONAIS**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Letras: Inglês, do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (UnB), como requisito para a obtenção do título de licenciatura em Letras.  
Orientadora: Profa. Dra Mariana Rosa Mastrella-de-Andrade.

**BRASÍLIA**

**2023**

**ISABELLA MACHADO JORGE**

**A ELITIZAÇÃO DO ENSINO DE INGLÊS EM LIVROS DIDÁTICOS  
INTERNACIONAIS**

Trabalho apresentado como requisito para obtenção de menção na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Letras Inglês, sob orientação do Profa. Dra. Mariana Rosa Mastrella-de-Andrade, da Universidade de Brasília (UnB).

Brasília, 19 de dezembro de 2023.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mariana Rosa Mastrella-de-Andrade (Orientadora)

Universidade de Brasília (UnB)

---

Prof. Dr. Avram Stanley Brum (Examinador)

Universidade de Brasília (UnB)

---

Prof. Luis Frederico Dornelas Conti (Examinador)

Universidade de Brasília (UnB)

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus por sempre me abençoar e especialmente, ter abençoado meu sonho de ser aprovada na Universidade de Brasília.

Agradeço à minha família, por sempre apoiarem meu sonho de ser professora e por terem acreditado em mim.

A todos os professores de inglês que já passaram pela minha vida, todos serviram de inspiração para que eu pudesse seguir essa carreira.

Aos meus colegas e grande amigos da disciplina de Estágio Supervisionado 2, Luan e Raquel, que nesse fim de ano, me ajudaram e me deram todo o suporte quando precisei, vocês fizeram parte disso.

A minha mãe, especialmente, que também é professora, sempre me incentivou a seguir esse caminho e acreditou no meu potencial.

A minha orientadora, professora Dra Mariana Rosa Mastrella-de-Andrade por ter me orientado tão bem, por ter servido de inspiração, por ter me acalmado todas as vezes que precisei e por ter me feito enxergar a educação de outra maneira.

## **Resumo**

Acredito que um dos principais fatores que me trouxeram interesse pelo tema livro didático foi o fato de eu estar trabalhando com livros didáticos atualmente. Considerando que sou professora de inglês em cursos privados de inglês, o contato com o livro didático é diário, além de ser representado também como figura de autoridade dentro de sala de aula. À medida que fui aprofundando minhas leituras, o tema livro didático foi se tornando cada vez mais instigante, considerando que as leituras me proporcionaram pontos de vista que eu jamais havia prestado atenção, como o fato de que as temáticas abordadas em livros didáticos são frequentemente elitizadas, que é uma questão que precisa ser debatida e desconstruída, visto que o inglês deve ser para todos. Portanto, este trabalho busca trazer uma discussão entre os livros didáticos de inglês e a elitização do ensino, abordando questões relacionadas a como o livro didático constrói essa visão elitizada do ensino. Além disso, essa pesquisa traz uma análise do livro didático *English File Elementary* e explora como o acesso a livros didáticos de inglês pode se tornar um fator determinante na disparidade educacional entre diferentes estratos sociais. O texto analisa como a escolha e produção desses materiais muitas vezes refletem perspectivas culturais e sociais específicas, excluindo grupos socioeconômicos menos privilegiados. Ademais, são discutidos casos em que a escolha de livros didáticos de inglês pode inadvertidamente contribuir para a perpetuação de padrões sociais e culturais dominantes. O artigo também destaca importantes autores que tornam esse tema relevante. Por fim, este trabalho busca conscientizar educadores, responsáveis pela elaboração de políticas educacionais e editores de livros didáticos sobre a importância de considerar os impactos sociais desses materiais na formação da próxima geração de estudantes de inglês, promovendo assim uma abordagem mais inclusiva e justa no campo educacional.

**Palavras-chave:** livro didático, inglês, língua inglesa, identidade.

## **Abstract**

I believe that one of the main factors that sparked my interest in the topic of textbooks was the fact that I am currently working with textbooks as an English teacher in private English courses. Therefore, my interaction with textbooks is daily and it is also represented as an authority figure in the classroom. As I started to deepen into my readings, the topic of textbooks became increasingly intriguing. My readings provided perspectives that I had never paid attention to before, such as the fact that the themes addressed in textbooks are often elitized—a matter that needs to be discussed and deconstructed, considering that English should be accessible to everyone. Thus, this work aims to initiate a discussion on English textbooks and the elitization of education, addressing issues related to how textbooks construct this elitized view of education. Additionally, this research provides an analysis of the English File Elementary textbook and explores how access to English textbooks can become a determining factor in educational disparities among different social strata. The text examines how the choice and production of these materials often reflect on specific cultural and social perspectives, excluding less privileged socioeconomic groups. Furthermore, it discusses cases where the selection of English textbooks can inadvertently contribute to the perpetuation of dominant social and cultural standards. Besides, the article also highlights important authors who make this topic relevant. Finally, the article seeks to raise awareness among educators, policymakers, and textbook editors about the importance of considering the social impacts of these materials in shaping the next generation of English learners, promoting a more inclusive and fair approach in the field of education.

**Key-words:** textbooks, English, English language, identity.

## **Introdução**

A globalização e a crescente interconexão entre culturas têm proporcionado uma expansão contínua no ensino de línguas estrangeiras. No cenário globalizado da educação, o aprendizado da língua inglesa desempenha um papel crucial na formação acadêmica e profissional dos indivíduos. Contudo, à medida que a demanda por habilidades em inglês e materiais educacionais cresce, surge uma preocupação sobre a maneira como essa língua é representada nos livros didáticos internacionais. Este fenômeno sugere que certas variedades da língua inglesa são priorizadas, marginalizando outras, e que a representação cultural nos materiais didáticos pode favorecer contextos específicos em detrimento da diversidade

linguística e cultural. Por essa razão, este artigo objetiva analisar como a elitização do inglês se manifesta em livros didáticos internacionais, enfocando as implicações para o acesso à educação linguística. Este trabalho propõe uma análise crítica sobre a elitização do inglês nesses materiais, examinando como certas abordagens pedagógicas e representações culturais contribuem para a formação de uma visão exclusiva, elitista e muitas vezes inacessível para grande parte da população estudantil. Para isso, toma-se como base um livro didático em específico, a ser identificado um pouco mais à frente neste texto.

Tem-se percebido um aumento no número de pesquisas com foco em identidades no livro didático nos últimos anos. Autores(as) como Ana Paula Domingos Baladeli (2014), Ana Paula Duboc (2023), Aparecida de Jesus Ferreira (2014), Ariovaldo Ferreira (2014), David Block (2017), Esmat Baibii (2018), Gabriela da Costa Rosa (2023) Ione da Silva Jovino Lopes (2014), Jayfferson Alves Rodrigues (2014), Mábia Camargo (2014), Mariana Mastrella-de-Andrade (2014), Miriam Lúcia dos Santos Jorge (2014), Mohammad Sheikhi (2018), Rogério Tílio (2014), Sávio Siqueira (2012; 2023), etc, têm trabalhos significativos nessa área. Nesse sentido, o objetivo aqui é mostrar como os livros didáticos podem contribuir para a construção da elitização do inglês no Brasil, de forma a pensar que o ensino de inglês é só para pessoas de elite. Ao adentrar as leituras sobre livro didático, deparei-me com a questão da classe social e da elitização do ensino de inglês promovida pelo livro didático. Importante já mencionar, nesta introdução, que me refiro a elitização no sentido que Souza (2019) descreve como desprezo e ódio pela pobreza e apego ao consumo como espaço de identificação social com a riqueza e o capital cultural dos que os detêm.

Portanto, neste trabalho o objetivo é analisar partes de um livro didático de uma editora internacional que mostrem indícios de uma elitização do acesso ao inglês, focando em três aspectos: viagens e turismo; trivialidades e consumo; identidade e território. No que se diz respeito às editoras educacionais mais conhecidas internacionalmente, estão incluídos nomes como Pearson, McGraw-Hill, Cambridge University Press, Oxford University Press, entre outras. Essas empresas empregam equipes de profissionais altamente qualificados para desenvolver materiais didáticos que atendam aos padrões educacionais globais e às necessidades específicas de diferentes mercados. Como dito anteriormente, meu objeto de análise neste trabalho será o livro didático English File Elementary, da quarta edição (2019), dos autores Paul Seligson, Clive Oxenden, Jerry Lambert e Christina Latham-Koenig e da editora Oxford University Press. Este livro tem sido adotado não só internacionalmente, mas

também no Brasil para estudantes de língua inglesa, como por exemplo nos CILs do Distrito Federal e em outros institutos privados de ensino de línguas.

## **Referencial teórico**

### **1. O livro didático**

De acordo com Jorge (2014, p. 73), os livros didáticos de língua estrangeira têm sido considerados importantes auxiliares no ensino de línguas no Brasil.

“A importância atribuída a esses materiais está ancorada na necessidade de se prover para alunos e professores de escolas públicas um recurso que facilite o planejamento do ensino, a (auto)aprendizagem, a formação do professor e do aprendiz, além de outros argumentos” (Jorge, 2014, p. 73).

No artigo intitulado “Livros Didáticos de Línguas Estrangeiras: Construindo Identidades Positivas”, Jorge (2014) compreende que

“livros didáticos tratam de relações de poder e resistência. As desigualdades de poder são ideologicamente construídas e sustentadas pelos livros didáticos. Por isso, os livros didáticos se constituem como importantes instrumentos para romper com a tradição de se reproduzir e naturalizar valores hegemônicos por meio da criação de espaços para que os discursos e posicionamentos de resistência e contestação sejam amplamente veiculados nas escolas” (2014, p. 86).

Além disso, outra autora que também debate essa questão é Jovino, que afirma em seu artigo intitulado como “Representação de Negros e Negras Num Livro Didático de Espanhol: Alguns Apontamentos”, que o livro didático

“continua sendo um dos materiais, senão o único, que orienta as práticas pedagógicas em sala de aula. Assim, o contato com o livro e com o que ele veicula é de suma importância para a difusão e a construção de valores, de discursos e de imagens. É, portanto, uma ferramenta que contribui para quebrar paradigmas ou manter estereótipos e estigmas” (2014, p. 122).

Entretanto, segundo Lemos (2001, apud Jovino p. 123-124, 2014), “o LD exerce um papel fundamental na formação individual e coletiva e as informações contidas nele reforçam



estereótipos e segregam pessoas”. Silva (2005, p. 23) nos lembra que o livro didático, de um modo geral, “omite ou apresenta de uma forma simplificada e falsificada o cotidiano, as experiências e o processo histórico-cultural de diversos segmentos sociais, tais como a mulher, o branco, o negro, os indígenas, os trabalhadores, entre outros”.

De acordo com Souza (1999), o livro didático tem sido considerado, além de suas várias utilidades, também como

“uma figura de autoridade dentro de sala de aula de línguas estrangeiras. Ele é uma voz de poder, uma voz, que muitas vezes, determina verdades sobre o próprio processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, o livro didático traz a voz do autor, figura de destaque e autoridade na área em que atua, mas traz também vozes sobre quem são os sujeitos da aprendizagem”. (Souza, 1999)

Para Tílio (2012, p. 123), o livro didático se qualifica também como “uma ferramenta, um instrumento facilitador do processo de ensino-aprendizagem, constituindo-se como parte de um ‘andaime’ que medeia a construção do conhecimento”. Além disso, de acordo com Grigoletto (2003), pelo modo de funcionamento dos discursos que o atravessam,

“o livro didático propõe ao aluno identificar-se com o discurso de igualdade, da neutralidade e da convivência harmônica, como condição para exercer seu papel de bom aprendiz e bom cidadão. E, de forma geral, o aluno tem de se ‘encaixar’ na realidade da outra cultura, em vez de olhá-la contrastivamente”. (Grigoletto, 2003)

No artigo de Babaii e Sheikhi (2018, p. 2) relacionado a Neoliberalismo, eles reconhecem os livros didáticos, em geral, e livros didáticos de ensino de inglês, em particular, como “locais comuns para a reprodução social e disseminação de ideologias dominantes”. Além disso, eles ressaltam que o estudo deles tentou “desvendar a mentalidade neoliberal nos materiais de ensino de inglês como língua estrangeira (ELT), amplamente utilizados nos institutos de idiomas privados do Irã” (2018, p. 2). Considero importante ressaltar que também para o cenário brasileiro a mesma crítica pode ser feita, uma vez que temos adotado livros internacionais sem problematizar as questões de classe social, raça, gênero etc., que eles normalizam.

Na sala de aula, o livro didático de inglês “é autoritário e literal, carregado de verdades, sendo ele inquestionável” (TÍLIO, 2008). Tílio frisa que essa arma poderosíssima, o livro, “pode servir de instrumento para a aplicação das orientações pedagógicas sugeridas pelos

documentos oficiais. Para tanto, é necessário entender o livro, refletir sobre as suas ideologias e entender o contexto socioeconômico e cultural em que ele foi elaborado” (TÍLIO, 2008).

Para Tílio (2006), a “maneira como o professor utiliza o material didático em sala de aula, muitas vezes, reflete a maneira como ele concebe o mundo” (TÍLIO, 2006; DIAS, 2009). Para Pereira (2014),

“o livro didático, por seu papel na educação formal e pelo reconhecimento, por parte da sociedade, de sua importância para a formação dos sujeitos que vivem e convivem em uma sociedade do conhecimento como a nossa, constitui-se em um instrumento cultural, político e ideológico que desempenha papel relevante no processo de produção e reprodução de práticas sociais”. (2014, p. 215)

Assim, Pereira também observa que:

“o livro didático é um eficiente instrumento de disseminação e constituição de discursos que circulam em uma determinada sociedade. Esses discursos, por sua vez, veiculam ideias e valores, reproduzem e produzem modelos e normas de comportamento que, uma vez sancionados pela sociedade, tornam-se padrão que seus integrantes devem seguir”. (2014, p. 215)

Foi observado por Pereira (2014, p. 215) que os manuais de ensino analisados (seis séries de livros didáticos de língua inglesa, com quatro volumes cada uma, destinadas à segunda fase do Ensino Fundamental, amplamente utilizadas, à época, em escolas de Ensino Fundamental no país), geralmente corroboram e reforçam modelos de comportamento normalizados, sancionados e exaltados por uma determinada corrente dominante da sociedade na qual se inserem, conseqüentemente excluindo e marginalizando os sujeitos que fogem a esse padrão predeterminado. Ressalto, portanto, a maneira como os autores apontam o poder do livro didático e, por isso, discuto neste texto a respeito de como um livro didático, como descrevo posteriormente, pode construir um processo de elitização do inglês no contexto brasileiro, restringindo a aprendizagem dessa língua para questões de consumo de classes sociais privilegiadas.

Jorge (2014, p. 76) argumenta que “os livros didáticos de língua estrangeira fazem parte de uma indústria global e, por essa razão, questões culturais relacionadas ao contexto local costumam ser negligenciadas”. Cortanzzì e Jin , mencionam que no caso da língua inglesa,

“são identificados três modos de abordagem do conteúdo cultural dos livros didáticos de Língua: a) livros baseados na cultura local, que são produzidos para uso em um contexto nacional específico e que levam o aprendiz a falar de

sua própria cultura para visitantes em potencial; b) livros que enfocam a cultura-alvo de um ou dois países de língua inglesa, tais como a Inglaterra e os Estados Unidos e c) livros que trabalham as culturas de diversos países onde a língua inglesa não é a primeira ou segunda, mas é usada como língua internacional.” (2009, apud Jorge p. 76, 2014)

Segundo Jorge (2014, p. 76), “todas as abordagens têm possibilidades e limitações, sendo que a última é a que enfoca a dimensão intercultural da comunicação em língua estrangeira”. De acordo com Ferreira (2014, p. 93), “o livro didático sempre teve um papel importante para o ensino de língua estrangeira tanto para institutos privados de línguas, quanto para escolas privadas e escolas públicas do ensino regular”. Em seu artigo intitulado “Identidades Sociais de Raça, Gênero, Sexualidade e Classe nos Livros Didáticos de Língua Estrangeira na Perspectiva da Linguística Aplicada”, Ferreira (2014, p. 93) também menciona que nos institutos privados de línguas, os livros didáticos são adquiridos pelos alunos de acordo com as escolhas dos institutos, sabendo-se que alguns deles, senão a maioria deles, adquirem LD importados principalmente dos Estados Unidos e da Inglaterra, embora algumas escolas franqueadas prefiram produzir seus próprios LD. Ferreira (2014, p. 97) também reflete sobre o papel do livro didático de língua estrangeira e “o poder que ele tem de privilegiar algumas identidades sociais em detrimento de outras e, a partir daí, ele também ‘empodera’ ainda mais as identidades sociais que já são privilegiadas”.

Além disso, a pesquisa também desenvolvida por Ferreira (2012a, p. 108), intitulada “Identidades sociais de raça no livro didático de Inglês mais vendido do Brasil”, objetiva verificar no livro didático de língua inglesa como as identidades de raça eram representadas. Com relação à representação das pessoas, o que a pesquisa demonstrou foi que havia 567 pessoas brancas representadas e 37 pessoas negras, ou seja, a cada 15,32 pessoas brancas havia uma pessoa negra representada. Portanto, Ferreira afirma que

“quando nos deparamos com esse resultado para refletir sobre as questões de poder, não é difícil dizer qual é o grupo que tem maior poder de visibilidade, de acesso, de ser representado mais vezes em várias posições sociais no livro didático”. (2014, p. 98)

Isso também é apontado por Souza (2019) quando falamos de elitização, uma vez que marcas da constituição colonial do país, como a escravidão do passado e suas formas atuais, são apagadas a todo custo no processo de normalizar padrões elitizados.

Mais uma vez, em outra pesquisa realizada por Ferreira e Camargo (2014), resultados similares podem ser observados com relação ao livro didático de inglês aprovado pelo PNLD (2011), em que os resultados demonstraram que, de 48 mulheres brancas representadas no LD,

havia somente 4 mulheres negras representadas, ou seja, o percentual de representação de identidade racial branca aqui é de, a cada 12 mulheres brancas representadas há uma mulher negra. A pesquisa demonstrou que o negro ainda é representado de forma estereotipada, ou seja, bom em esportes, música e cinema. Portanto, segundo a pesquisa de Ferreira (2014, p. 99), “o livro didático de língua estrangeira tem, sim, o poder de trazer e privilegiar identidades de gênero, de raça, de sexualidade, de classe de cultura, de ideologia, de políticas e de discurso”.

Entretanto, David Block (2017) quando se refere aos livros didáticos internacionais, os correlaciona fortemente com o neoliberalismo. Para Block (2017, p. 2), o neoliberalismo é entendido como “a mais recente encarnação do capitalismo, em circunstâncias globalizadas e tecnologicamente avançadas de forma mais intensiva e extensiva”. De acordo com Block (2017, p. 2), na prática, o neoliberalismo varia de contexto para contexto; no entanto, existem algumas características comuns essenciais que podem ser consideradas, embora de maneiras variadas ao redor do mundo. Além disso, Block (2017, p. 3) destaca que o neoliberalismo significou “a adoção da metáfora de mercado como a maneira dominante de enquadrar toda a sorte de atividade cotidiana”. Um efeito importante dessa mudança na abordagem, de acordo com Block (2017, p. 3) tem sido que “domínios da atividade social que anteriormente eram organizados de acordo com a necessidade de construir comunidades e instituições passaram a ser enquadrados em termos de troca econômica”. Além disso, nesses processos, indivíduos e coletivos na sociedade são posicionados em termos de seus papéis como fornecedores de serviços e consumidores. Por exemplo, Block (2017, p. 3) utiliza o termo “mercantilização da educação” para se referir que as maneiras como a educação ela é planejada, entregue e avaliada passam a se assemelhar (ou, na prática, são as mesmas que) aquelas que se aplicam no setor privado.

Segundo Block , na prática,

“os livros didáticos em língua inglesa seguiram a maré neoliberal, incorporando como falantes idealizados do inglês uma gama de indivíduos aparentemente sem classes que passam uma quantidade excessiva de tempo viajando, fazendo compras, usando novas tecnologias, e refletindo e conversando sobre si mesmos e aqueles ao seu redor, exercendo, assim, um 'auto-cuidado'”. (2017, p. 5)

No artigo intitulado “A Construção de Identidades no Livro Didático de Inglês: Classe Social, Raça e o outro”, Mastrella-de-Andrade (2014) e Rodrigues (2014) analisam o livro didático de inglês *Interchange*, utilizado em alguns Centros Interescolares de Línguas do Distrito Federal. Os autores destacam que, para os autores da série de livros *Interchange*, o inglês americano é seguido como padrão para os textos e atividades, “refletindo a premissa de

que o inglês é a língua mais usada para a comunicação internacional, não sendo limitada a um país, região ou cultura” (RICHARDS et. Al., 2005). Há também, de acordo com Mastrella-de-Andrade e Rodrigues (2014, p. 151), explicitada no livro pelos autores, a afirmação de que “o livro ajudará o aprendiz a se parecer com o falante nativo no que se refere à pronúncia”. Segundo os autores, não há referência a quem seria esse falante nativo, o que os levou a inferir que “ele seria o falante nativo norte-americano, uma vez que esse é o padrão do inglês utilizado na série”. Além disso, eles mencionam que “uma temática recorrente nos livros didáticos são lugares que podem ser visitados por turistas, muitas vezes como atividades típicas de férias” (2014, p. 152). Durante a análise do livro *Interchange*, eles observaram que quando a temática viagem é abordada, “há uma elitização de lugares visitados, sendo eles, na maioria das vezes, destinos de turistas estrangeiros” (2014, p. 152). Na seção *Reading* (Volume 1, unidade 11, p. 77), intitulada como *Greetings from...*, há algumas figuras representando mensagens de e-mails, cujos conteúdos são descrições feitas por turistas relatando suas viagens, alguns em períodos de férias. Há também uma foto representando cada um dos lugares: Praga, Xangai e Buenos Aires. Os mesmos autores relatam que, em cada um dos textos, os visitantes compartilham suas experiências em luxuosos shoppings, boates, hotéis e cruzeiros. Portanto, Mastrella-de-Andrade e Rodrigues (2014, p. 152) constatarem que “há uma valorização de destinos turísticos tidos como famosos, que oferecem experiências de viagem de alto custo”. Eles também afirmam que “os autores do livro didático fazem, de antemão, uma seleção homogênea, julgando o que será de interesse para a vida real dos aprendizes” (naturalização da escolha dos tópicos). Nesse sentido, para Mastrella-de-Andrade e Rodrigues (2014, p. 153), “livro didático “constrói identidades naturalizadas de falantes de inglês - aqueles que fazem determinadas escolhas representativas entre classes sociais”. Os autores ainda acrescentam destacam a necessidade de que “as discussões em sala de aula não sejam desatreladas do contexto em que os alunos estão inseridos”. Portanto, conforme suas análises, o livro didático “promove, em grande medida, a elitização do lazer” e “essa elitização pode ser percebida, além dos textos analisados, através das fotos, que reafirmam e corroboram a valorização das formas de entretenimento e/ou lazer de alto custo, que podem ser aferidas apenas por aqueles que podem por elas pagar”. É nesse sentido que neste artigo busco analisar o processo de elitização da aprendizagem de inglês em um livro didático de editora internacional.

Por fim, de acordo com Costa (2013) e sua análise realizada no artigo intitulado como “O Livro Didático de Inglês do Ensino Médio: Um Olhar Sobre Diferentes Percepções” (2013, p. 5), foi observado que o livro didático “é a única fonte de consulta do professor e do aluno, portanto, de controle do processo de ensino das escolas públicas”. Esse controle, segundo Costa

(2013, p. 5), é tão marcante que o livro didático, por muitas vezes, “substitui a proposta curricular, determinando conteúdo por série, modelos de provas com base em seus exercícios e o limite da criatividade do professor”. Portanto, Costa (2013, p. 6) conclui que o papel do livro didático se configura em manter o pensamento homogêneo da classe dominante e ainda, se afirma como controlador dos sujeitos da escola, tendo o poder de coibir sua imaginação criadora, pelo caráter de autoridade que impõe o saber na sala de aula.

## **2. A relação entre o livro didático e identidade**

No contexto brasileiro, diversos autores, como Moita Lopes (1995, 1998, 2002, 2003), Coracini (2003), Signorini (1998), Louro (1999) e outros, têm desempenhado um papel significativo ao abordar a temática das identidades. Esses estudiosos não apenas concebem as identidades como atributos individuais distintos, mas principalmente como construções sociais fundamentadas em práticas sociais que, por sua vez, são moldadas e influenciadas por diversas dimensões, tais como classe social, gênero, etnia, nacionalidade, entre outras. Nesse sentido, o discurso de sala de aula, corroborado e constituído, em grande parte, pelos discursos veiculados em livros didáticos, “é parte determinante do modo como os atores envolvidos nesse processo aprendem a se constituir como sujeitos, a se situar no mundo social a partir da compreensão de quem são na relação com o “outro”, com o ‘diferente’”. (MOITA LOPES, 1995).

A pesquisa de Ariovaldo Pereira intitulada como “Identidades Sociais de Gênero em Livros Didáticos de Língua Estrangeira”, evidencia que

“os livros didáticos para o ensino de inglês analisados, em sua maioria, reproduzem discursos genéricos que circulam socialmente, o que vem reforçar e reafirmar nossa constatação de que esses materiais, pela sua importância no contexto formal de educação em geral e de educação linguística, em especial, em muito contribuem para a legitimação de determinadas manifestações identitárias em detrimento de outras, que são consideradas como marginais, excêntricas e ‘anormais’, por não se alinhar aos modelos e normas estabelecidos” (2014, p. 220).

Lopes também argumenta que:

“O livro didático é um eficiente instrumento de disseminação e constituição de discursos que circulam em uma determinada sociedade. Esses discursos, por sua vez, veiculam ideias e valores, reproduzem e produzem modelos e normas de comportamento que, uma vez sancionados pela sociedade, tornam-se padrão que seus integrantes devem seguir”. (2014, p. 215)

Lopes (2014) também ressalta que os manuais de ensino analisados em sua pesquisa (seis séries de livros didáticos de língua inglesa destinadas à segunda fase do Ensino Fundamental), geralmente corroboram e reforçam modelos de comportamento normatizados, sancionados e exaltados por uma determinada corrente dominante da sociedade na qual se inserem, conseqüentemente excluindo e marginalizando os sujeitos que fogem a esse padrão predeterminado, assim como eu também objetivo discutir e mostrar neste trabalho.

Ademais, na pesquisa intitulada como “Questões de identidade em sala de aula: que sentidos de brasilidade apresentam os livros didáticos?” de Ana Paula Domingos Baladeli, ela salienta que

“todo e qualquer recurso didático se apresenta ideologicamente construído, requerendo, assim, por parte do professor, uma postura crítica, reflexiva e de problematização junto aos alunos, para que representações negativas e hegemônicas de língua e de cultura veiculadas nos textos, sejam contestadas” (2014, p. 225).

Segundo Feitag, Motta, Costa e Tílio (1997; 2008, apud Baladeli p. 226, 2014), as pesquisas sobre o livro didático revelam que “o seu poder e status no ambiente escolar tem sido chancelado, entre outros fatores, pela falta de professores adequadamente formados. Sem formação adequada, são, em geral, docentes com poucas oportunidades para refletir sobre o livro didático como um produto cultural, produzido em determinadas condições ideológicas”.

Diante das pesquisas consultadas, foi observado que o livro didático continua tendo suas limitações no que se refere ao ensino crítico de língua inglesa. O livro didático de qualquer área de conhecimento precisa ser compreendido como uma fonte de discursos que não é isenta de estereótipos, tampouco o livro didático é isento de visão homogeneizadora de cultura ou mesmo de distorções conceituais.

Diante dos trabalhos aqui citados, podemos perceber que os livros didáticos desempenham um papel significativo na formação da identidade dos estudantes, pois influenciam a maneira como os alunos percebem a si mesmos, aos outros e ao mundo ao seu redor. Eles podem influenciar a identidade dos alunos ao retratar ou negligenciar a diversidade étnica, cultural, de gênero e outras formas de diversidade. Além disso, a representação adequada e equitativa em livros didáticos pode ajudar os alunos a se sentirem valorizados e representados, da mesma forma que a representatividade inadequada (exclusão e apagamento de outras identidades) ou a falta dela pode gerar uma desvalorização dos alunos e seus contextos locais, imprimindo uma ideia elitista de que o acesso à aprendizagem da língua inglesa não seja

pertinente para sua realidade. Conseqüentemente, livros didáticos podem perpetuar estereótipos e preconceitos se não forem cuidadosos na representação de diferentes grupos. A negligência e apagamento de outras identidades, gêneros, raças e classes sociais podem afetar a forma como os alunos veem a si mesmos e aos outros, contribuindo para a formação de identidades baseadas em estereótipos e embargando acessos a um mundo plural.

### 3. Língua inglesa

Segundo Kumaravadivelu (2006), a consolidação do corrente processo de globalização está fundada em três pilares: o encolhimento do tempo, do espaço e a diluição de fronteiras; onde uma cultura global é comumente associada a termos como ocidentalização, americanização ou ‘McDonaldização’ (RITZER, 1998). De acordo com Siqueira, Rosa e Duboc, tal panorama, sem dúvidas,

“privilegia o surgimento de uma língua franca de alcance mundial, função hoje exercida pelo inglês, idioma fortalecido e legitimado como a língua de comunicação internacional, transformado em um produto de altíssimo valor, principalmente em países vistos como periféricos, onde ensinar e aprender inglês tornou-se um grande e lucrativo negócio”. (2023, p. 3)

Babai e Sheikhi (2018, p. 8) se referem à língua inglesa como algo que não é tratado como qualquer outra língua no mundo. Eles afirmam que “nenhuma outra língua desfruta dessa quantidade de comercialização e popularidade”. Os mesmos autores destacam que a razão disso é, pelo menos em parte, proveniente de produtos e posições que podem ser “adquiridos” por meio do aprendizado do inglês.

De acordo com Rapatahana (2012), há algo de muito sedutor na língua inglesa. De alguma maneira, essa língua “se apresenta como um capital cultural essencial no mundo em que vivemos e as pessoas, ao serem por ela atraídas, parecem se deixar impressionar pela capacidade percebida de que o inglês haverá de lhes proporcionar uma vida melhor” (RAPATAHANA, 2012). Para Pennycook (2001), em outras palavras, a expansão do inglês como a língua de comunicação internacional é, no imaginário coletivo, “um processo percebido como ‘natural, neutro e benéfico’, mesmo que, em vários contextos e em diferentes níveis, a língua ocupe papel central na reprodução de iniquidades globais”.



Duboc, Rosa e Siqueira (2023, p. 3) mencionam que, no caso específico do Brasil, as camadas mais abastadas da nossa sociedade sempre estiveram inebriadas por uma espécie de fetiche em relação a tudo que vem do exterior. Essa mentalidade de subalternização ideológica historicamente construída se manifesta nas mais diversas áreas e de formas diferentes, incluindo, no campo da linguagem, o emprego comum, muitas vezes desnecessário, de termos e expressões em língua estrangeira que, em tese, há de emprestar um verniz supostamente civilizatório que nos remeta a algo sofisticado, exclusivo, diferenciado. Portanto, de acordo com a visão deles, nessa seara em particular, não se pode negar que o uso do inglês é dominante, soberano e praticamente imbatível até o presente momento. Como a língua franca global dos tempos atuais, o que já era intenso tornou-se ostensivo, muitas vezes, é bom que se diga, abusivo. Assim, é possível afirmar que fomos abduzidos, enfeitiçados pelo inglês de tal maneira que ele adentra nosso cotidiano com tamanha frequência sem praticamente se submeter a qualquer estranhamento mais significativo.

Segundo Tenuta e Oliveira (p. 322), “o livro didático não deve ensinar somente o conteúdo técnico específico relacionado à língua em foco”, o que fez Costa (2013, p. 8) refletir sobre a necessidade de ampliação da proposta de ensino de línguas para as temáticas transversais (sociedade, drogas, saúde, trabalho, entre outros) de forma que “amplie a visão universal de conhecimento do estudante, pois, ensinar línguas não corresponde apenas ao ensino de aspectos linguísticos, mas de conhecimento de mundo que envolve cidadania, memória, relações cotidianas e cultura dos povos em geral como prevê os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira (BRASIL, 1998)”. Por essas razões, acredito ser importante discutir criticamente a maneira como livros didáticos internacionais que adotamos para nossas salas de aula no contexto brasileiro, em especial no Distrito Federal, produzem uma ideia elitizada de que a aprendizagem de inglês é privilégio para poucos, relaciona-se com esses contextos privilegiados e deve ocorrer a serviço de promover e sustentar esse tipo de privilégio - ao que me refiro como elitização da aprendizagem de inglês.

#### **4. Papel do inglês na educação**

De acordo com pesquisas desenvolvidas no Brasil, podemos entender a importância da existência do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que consiste em uma política pública do Ministério da Educação (MEC) cujo principal objetivo é subsidiar o trabalho pedagógico dos professores das escolas públicas da educação básica brasileiras por meio da

distribuição de coleções didáticas de diferentes componentes curriculares. Somam-se a esse objetivo a necessidade de diminuir as desigualdades sociais por meio de uma educação de qualidade. Sendo assim, o livro didático surge como importante protagonista para que tais objetivos sejam atingidos. As coleções didáticas que integram o PNLD são avaliadas por uma equipe pedagógica com formação específica que seleciona aquelas que atendem aos critérios divulgados por um edital criado para esse fim. Após a avaliação das coleções, o MEC publica o denominado “Guia de Livros Didáticos” para cada componente curricular atendido pelo PNLD. Nesse Guia, distribuído para todas as escolas públicas do país, encontram-se resenhas das coleções selecionadas. Assim, os professores podem escolher as coleções que consideram mais adequadas para o seu contexto de ensino. O Edital PNLD 2011 foi o primeiro em que a LEM foi contemplada e nele foram explicitadas as perspectivas de promoção positiva da imagem da mulher, negros e povos indígenas; a abordagem temática de gênero; a promoção da educação e da cultura dos direitos humanos, principalmente no que se refere às crianças e adolescentes; da educação para a justiça social, antirracista e anti-homofóbicas; além de outros aspectos educacionais que as coleções didáticas precisam atender. Os critérios específicos enfatizavam o caráter educativo do ensino de línguas, embasam-se em uma perspectiva crítica de multiculturalismo e uma abordagem cultural que utilize elementos do global e do local. Tais especificidades devem estar contempladas no conjunto de textos (incluindo imagens), orientações pedagógicas, temas e atividades constantes nas coleções. Segundo Jorge (2014, p. 76), em síntese, a política para avaliação e distribuição de livros didáticos para o ensino de inglês e espanhol criou condições para a produção de coleções didáticas para a melhoria da qualidade de ensino de LEM nas escolas públicas.

Além disso, Jorge (2014, p. 77) argumenta que “o sucesso acadêmico deve ser garantido independentemente da existência de desigualdades sociais e raciais. Portanto, a todos os estudantes devem ser fornecidas as ferramentas que permitam o desenvolvimento da proficiência acadêmica, possibilitando que avancem na trajetória escolar”. Ademais, Jorge (2014, p. 77) ressalta a importância do letramento, numeramento, o uso de tecnologias e conhecimentos políticos e sociais dentro de sala de aula, e o quanto esses fatores precisam ser criteriosamente trabalhados para que o aluno possa participar da vida social. Jorge (2014, p. 77-78) destaca que os alunos “precisam desenvolver uma consciência sociopolítica mais ampla, que lhes permita criticar normas culturais, valores, costumes e instituições que produzem e conservam as desigualdades sociais”. Portanto, Jorge (2014, p. 78) reflete sobre a importância do ensino de Língua Estrangeira Moderna, de modo que o aluno desenvolva proficiência nas

línguas oferecidas na escola, ao mesmo tempo em que é valorizado por suas culturas e compreende-se no contexto de uma sociedade tão desigual quanto a sociedade brasileira.

Segundo Jorge (2014), se considerarmos a relevância cultural do ensino de língua e o desenvolvimento da competência cultural do aluno para seu sucesso acadêmico, uma perspectiva crítica e multicultural para o ensino de inglês encontra, no Brasil, “um contexto rico para a (re)descoberta e afirmação da diversidade em nosso país”. Essa afirmação de Jorge (2014), se dá a partir do entendimento de que a educação em língua estrangeira pode ser feita também por meio das discussões de identidade, relações língua estrangeira e língua materna, comunicação intercultural, etc. Sabemos que “o inglês é, há décadas, a língua estrangeira moderna (LEM) mais estudada no país e, fazendo jus a sua condição de língua de grande poder e penetração, totalmente imiscuída nas hostes e orientações da lógica neoliberal reinante, é agraciado, a partir de uma política educacional pública recente, com o status de única LEM obrigatória na estrutura curricular da educação básica brasileira” (ROSA, SIQUEIRA E DUBOC, 2023, p. 3). Portanto, de acordo com a pesquisa desses três pesquisadores intitulada como “Inglês como Língua Franca (IFL) em campo: reflexos e refrações na BNCC”, este breve introito “serve o propósito de localizar o leitor quanto ao poder amealhado pela língua inglesa nas últimas décadas e como tal influência perpassa os sistemas educacionais de praticamente todos os países do globo”. Ademais, eles afirmam que no caso do Brasil, essa condição de língua dominante “ficou mais visível ainda no ano de 2017, a partir da promulgação da Lei 13.415/2017 (BRASIL, 2017a), com a consequente publicação da terceira e última versão da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017b), na qual, entre outras mudanças, o componente ‘Língua Estrangeira Moderna’ é substituído por ‘Língua Inglesa’.

## **5. Identidade de classe social**

Conforme menciona Nascimento, para Hall (1999, apud Nascimento, p.16, 2016),

“uma característica marcante da modernidade tardia, que convencionalmente vem sendo chamada de pós-modernidade por alguns, é o deslocamento identitário, em que novas identidades são construídas numa espécie de desterritorialização constante, sendo que o ambivalente substitui o fixo e as relações sociais são ambivalentes por sua interação, muito mais do que por sua natureza”. (2016, p. 16)

No entanto, Nascimento (2016, p. 16) também afirma que a categoria classe social tem sido deixada de lado por pesquisadores após o surgimento de outros centramentos identitários, tais como gênero e raça.

Nascimento (2016, p. 20), Silva (2000) e Woodward (2000) nos apontam caminhos que sinalizam a relação mútua entre identidade e diferença. Na mesma dissertação, Nascimento afirma que para Silva (2000), a identidade se consolida em termos da diferença, sendo que se é o que não se é. Ou seja, a identidade se constrói em termos da ausência. “Quando alguém diz: ‘sou brasileiro’, essa pessoa está dizendo que não é argentino. Quando o sujeito diz: “sou rico”, é porque ele não se identifica na posição social de pobre” (NASCIMENTO, 2016, P. 20). A partir das discussões realizadas por Hall (1999), Silva (2000) e Woodward (2000), Nascimento (2016, p. 20) adota como conceito de identidade a construção discursiva e simbólica do sujeito nas posições sociais as quais ele ocupa, inserido em uma dada sociedade. Por isso, ele toma por formato de identidade a posição não essencializada e não naturalizada de sujeito em lugares-comuns.

Nascimento (2016, p. 23) frisa o quanto é importante compreender a construção de identidades no ensino de línguas e, mais especificamente, da identidade de classe social no LD de língua inglesa, destacando que a etimologia da palavra *identidade* remonta seu sentido latino de *idem*, como o *mesmo*, *essencializado em si*, como também ao uso platônico da tentativa de descrever o mundo, o processo de mimesis e, portanto, a essência das coisas. Seu uso torna-se um construto relacionado com *identificação*, *tornar idem*. Para o autor, as identidades se estabelecem a partir dos significados produzidos pelas representações que dão sentido à nossa vida, ou seja,

“a identidade é a forma que temos para responder, ao sermos interpelados, aos sistemas culturais que nos rodeiam, no sentido de dar significado às nossas experiências. Nesse sentido, ao narrar a identidade, também narramos a diferença. É a diferença que caracteriza a identidade e lhe dá sentido”. (2016, p. 34)

Nascimento (2016, p. 34) também ressalta que “é a partir da diferença que as identidades se posicionam”. Como define Silva (2000), “a identidade se define a partir da diferença e ambas, identidade e diferença, se encontram em estreita dependência. O sujeito não se define somente nos termos do que se é, mas também do que não se é”.

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais

específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas (HALL, 2000, p. 109). Assim, as identidades não são construídas fora do discurso. Elas são criação da linguagem, em resposta do sujeito ao ser interpelado pelos sistemas sociais, culturais e simbólicos, localizadas em locais históricos e institucionais específicos, sempre inseridas em práticas discursivas, com significado sempre em funcionamento em práticas sociais. É nesse sentido da provisoriedade de sentido da identidade e sua construção pelo discurso que Bauman (2005), em entrevista a Benedetto Vecchi, entende a identidade como o “impossível” a ser alcançado. Ou seja, como o que não se é, mas se reivindica ser: As pessoas em busca de identidade se veem invariavelmente diante da tarefa intimidadora de ‘alcançar o impossível’: essa expressão genérica implica, como se sabe, tarefas que não podem ser realizadas no ‘tempo real’, mas que são presumivelmente realizadas na plenitude do tempo – na infinitude... (BAUMAN, 2005, p. 17).

## **Metodologia**

Esta é uma pesquisa qualitativa interpretativista, em que, segundo Moita Lopes (1994, p. 3), é impossível ignorar a visão dos participantes do mundo social caso se pretenda investigá-lo. Na visão interpretativista, “os múltiplos significados que constituem as realidades só são passíveis de interpretação. É o fator qualitativo, o particular, que interessa” (MOITA LOPES, 1994, p. 3). Além disso, a padronização é vista como responsável por uma realidade distorcida, construída pelos próprios procedimentos de investigação, que trazem à tona, portanto, resultados de investigação que absolutamente não interessam por não captarem a multiplicidade de significados atribuídos ao mundo social. Na visão interpretativista, de acordo com Moita Lopes (1994), o preço a pagar é a subjetividade, ou melhor, a intersubjetividade, que possibilita chegarmos mais próximo da realidade que é constituída pelos atores sociais – ao contrapormos os significados construídos pelos participantes do mundo social. O foco é, então, colocado em aspectos processuais do mundo social em vez do foco em um produto padronizado. A fim de apresentar a metodologia deste trabalho, apresento a seguir o livro didático analisado.

## **Sobre o livro didático analisado**

Como dito anteriormente, meu material de análise fundamentou-se no livro didático *English File Elementary*, dos autores Paul Seligson, Clive Oxenden, e Christina Latham-Koenig e da editora *Oxford University Press*, usando como base e referência a quarta edição do livro (2019). Considerando que o meu trabalho se trata de uma pesquisa documental, vou construir minha análise com base nos dados e construir minha própria interpretação a partir disso, porém obviamente tomando como embasamento teórico autores que já trabalharam nessa área e que inclusive já analisaram o próprio *English File*. Portanto, esses dados serão providenciados a partir da análise do livro didático *English File Elementary*.

No que se refere aos autores, com base em pesquisas na própria plataforma da editora, infere-se que Paul Seligson, hoje com 66 anos, ensinou inglês como Língua Estrangeira (EFL) por mais de 30 anos, desde 1978. De acordo com o site, ele começou trabalhando para a *International House* na Argélia e na França, e depois mudou-se para o *British Council*, onde trabalhou em outros países: Egito, Venezuela e Espanha. Na Espanha, atuou como Diretor Assistente de Estudos em Valência por cinco anos. Além disso, após um ano escrevendo nos Estados Unidos, ele retornou ao Reino Unido e trabalhou em vários colégios de inglês para falantes de outras línguas (ESOL), principalmente ensinando imigrantes e refugiados. De acordo com a editora, atualmente Seligson trabalha de forma independente, dividindo seu tempo entre escrita, treinamento e viagens. Em 2000 e 2001, trabalhou para a *Oxford University Press* (OUP) no Brasil como treinador de professores. Ademais, ele possui um mestrado em Ensino de Inglês como Língua Estrangeira (MA in TEFL) e é coautor dos níveis 1 e 2 do *English File*, publicados pela *Oxford University Press*. Já Clive Oxenden, de acordo com a editora, foi treinado para ensinar inglês como língua estrangeira (EFL) na *International House*, em Londres, e posteriormente obteve sua certificação RSA (*Cert*) no *Bromley College*, em Kent. Ele lecionou inglês e treinou professores por 23 anos, principalmente na Espanha, mas também na Turquia, Kuwait, Argélia e no Reino Unido, onde foi tutor da RSA no *Padworth College*, em *Berkshire*. Nos últimos quinze anos, ele tem lecionado no *British Council*, em Valência. Além disso, publicação mais recente de Clive é o *English File*. Por fim, Christina Latham-Koenig, segundo informações da editora, iniciou sua carreira no ensino de inglês como língua estrangeira (TEFL) em 1976, assim como os outros autores, também lecionando na *International House* e posteriormente no *British Council*, tanto na Espanha (Valência) quanto no Reino Unido. Ela obteve uma distinção no Diploma RSA em 1987 e, em seguida, tornou-se supervisora local para esse curso na Espanha. Christina trabalhou como formadora de

professores tanto para professores nativos quanto não nativos de inglês. Atualmente, ela mora em Valência e começou a colaborar como coautora da série do livro *English File* em 1995.

Portanto, o "*English File*" é uma coleção de materiais didáticos para o ensino da língua inglesa, desenvolvida pela *Oxford University Press*. A coleção geralmente é organizada em vários níveis, como *Elementary*, *Pre-Intermediate*, *Intermediate*, *Upper-Intermediate* e *Advanced*. Cada nível é composto por vários componentes, incluindo o *Student's Book* (livro do aluno), onde compreendem-se unidades de ensino que providenciam atividades de diversas habilidades (vocabulário, gramática, escuta, fala, escrita, etc), e o *WorkBook*, onde são oferecidas atividades para reforçar o que foi aprendido em sala de aula. Meu objeto de análise será o nível *Elementary*, somente o *Student's Book*, por ser um livro com a edição mais recente, de 2019 e também por eu estar trabalhando com essa coleção de livros atualmente no meu Programa de Estágio Supervisionado.<sup>1</sup>

### **Discussão do material de pesquisa**

A discussão do material de pesquisa será dividida em três subseções, sendo a primeira intitulada como Viagens e Turismo, a segunda como Identidade e Território e a terceira como Trivialidades e Consumo. Cada subseção apresentará imagens, que é por onde essa discussão será norteada.

De acordo com Babaii e Sheikhi (2018, p. 2), a ampla utilização do inglês como língua franca para comunicação em ciência, tecnologia e negócios conferiu a esta língua um status e uma popularidade particulares com os quais nenhuma outra língua pode competir. Usando Fairclough (2001, 2003) como referência, os mesmos autores destacam que

“os livros didáticos foram identificados como popularizadores de certos princípios do neoliberalismo, como mercado, consumismo, marcas, produtividade/empregabilidade individual, bem como multiculturalismo superficial e não crítico, que foi empregado simplesmente para apresentar uma imagem perfeita e utópica do Ocidente” (2015, p. 2).

---

<sup>1</sup> Estou trabalhando atualmente com o livro didático *English File Elementary* na disciplina de Estágio Supervisionado 2 na Universidade de Brasília. O estágio consiste na Escola de Línguas, onde dou aula de inglês para a escola de línguas própria da UnB, a UnB Idiomas, utilizando a coleção de livros didáticos *English File*.

De fato, ao aprofundar minha análise, consegui enxergar diversas vezes a exaltação de países de primeiro mundo, além de um foco extremo em valores neoliberais e sempre dando destaque aos Estados Unidos e Inglaterra como países padrões e falantes da língua inglesa.

“Ao redor do mundo, pessoas de diferentes faixas etárias são obrigadas a aprender inglês como o código linguístico para fins ocupacionais e educacionais. Isso gera uma enorme demanda tanto por professores de inglês quanto por materiais de ensino capazes de atender às necessidades de um público tão diversificado” (Babai e Sheikhi, 2015, p. 2-3).

Os mesmos autores frisam ainda o fato de que os livros didáticos globais de inglês como língua estrangeira, produzidos e distribuídos por grandes organizações geralmente localizadas em países de língua inglesa, comprometeram-se a atender a essa demanda em constante crescimento. Porém, eles destacam o quanto os livros didáticos globais de inglês se sobressaem em comparação aos livros locais.

## 1. Viagens e Turismo

A fim de discutir algumas seções do livro didático, trago abaixo figuras retiradas das próprias páginas do material, como esta a seguir em que discuto a respeito da trivialização e naturalização de viagens.

Figura 1 - Página 12 do livro English File Elementary

The image shows a page from the 'English File Elementary' textbook, page 12. The page is titled 'EPISODE 1 Practical English Arriving in London' and includes a 'VOCABULARY in a hotel' section with matching exercises and a 'CHECKING IN' section with a video and listening exercise.

**1 VOCABULARY in a hotel**

a Match the words and symbols.

1 2 3 4 5 6

Reception /rɪ'sepʃn/       a double room /dʌbl ru:m/  
 the lift /lɪft/             the bar /bɑː/  
 a single room /sɪŋgl ru:m/       the ground (first, second, etc.) floor /graʊnd flɔː/

b 1.46 Watch or listen and check.

c Cover the words and look at the symbols. Say the words.

**3 CHECKING IN**

a 1.48 Watch or listen to Jenny checking into a hotel. Answer the questions.

1 Complete Jenny's surname: Zi  U  S  K

2 What's her room number?



A imagem acima refere-se à seção do livro didático *English File Elementary* denominada *Practical English*, ou seja, seria relativo a atividades direcionadas ao “inglês na prática”. De fato, a primeira seção de *Practical English* do livro, intitulada como “*Arriving in London*”, que traduzindo seria “Chegando em Londres”, já propõe uma atividade relacionada a uma viagem com destino a Europa, providenciando exercícios voltados ao vocabulário do tema “hotel”, incluindo fazer um check-in em um hotel. Considero importante chamar atenção para o fato de que parece haver um processo de elitização a partir da maneira como o conteúdo é abordado na referida página do livro, especialmente se pensarmos na adoção deste livro para o cenário educacional brasileiro. O tema da página em questão, ao focar hotéis e viagens a Londres, se revela distante das realidades de escolas públicas da educação básica no país ou dos conhecidos Centros Interescolares de Línguas do Distrito Federal, onde temos efetivamente o uso do livro aqui em discussão. Portanto, discuto como o livro didático *English File Elementary* já promove uma visão elitizada do ensino logo nas páginas iniciais, considerando que não são todos os estudantes de língua inglesa que usufruem do privilégio de ir para Londres, um destino europeu extremamente caro, e muito menos hospedar-se em hotéis.

Considero importante enfatizar aqui a necessidade de formação crítica de professores de inglês, uma vez que os processos de elitização da educação são nocivos para a escola pública, cujos alunos pertencem a classes sociais mais baixas e precisam desenvolver conscientização crítica a respeito das questões sociais que produzem desigualdades no Brasil. Conforme afirma Souza (2019, p. 50), essa conscientização é necessária, pois

Não existe ninguém, nem nenhuma “elite” má, se reunindo na calada da noite e decidindo como manter a maioria da raça humana na tolice e na obediência a convenções e modos de vida superficiais. O que existem são “interesses” que tendem a se reproduzir indefinidamente, permitindo o acesso permanente de alguns privilegiados a bens escassos, sempre que não ocorram processos de “aprendizado” e de “tomadas de consciência” que possam limitar seus malefícios a indivíduos e coletividades inteiras. (2019, p.50)

**Figura 2 - Página 12 do livro English File Elementary**

## 2 INTRODUCTION



a **1.47** Watch or listen to Jenny and Rob. Mark the sentences **T** (true) or **F** (false).

- 1 Rob lives and works in London.
- 2 He's a writer for a magazine.
- 3 The name of his magazine is *London 20seven*.
- 4 Jenny is British.
- 5 She's an assistant editor.
- 6 It's her second time in the UK.

b Watch or listen again. Complete the **You hear** phrases.

You hear	You say
Good evening, madam.	Hello. I have a reservation. My name's Jennifer Zielinski.
Can you <sup>1</sup> <input type="text"/> that, please?	Z-I-E-L-I-N-S-K-I.
For five nights?	Yes, that's right.
Can I have your passport, please?	Just a second... Here you are.
Thank you. Can you sign here, <sup>2</sup> <input type="text"/> ? Thank you.	
Here's your <sup>3</sup> <input type="text"/> . It's room 306, on the third floor. The <sup>4</sup> <input type="text"/> is over there.	The lift? Oh, the elevator.
Yes. Enjoy your stay, Ms Zielinski.	Thank you.

### British and American English

*lift* = British English    *elevator* = American English  
*z* = /zed/ British English    /zi:/ American English

### Greetings

Good *morning* = > 12.00  
 Good *afternoon* = 12.00 > 18.00  
 Good *evening* = 18.00 >  
 Goodnight = Goodbye (when you go to bed)

Fonte: English File 1 (SELINGSON, 2019, p. 12)

Além disso, o exercício 3 da mesma seção, se refere a fazer check-in em um hotel. É possível visualizar as perguntas que a recepcionista faz a hóspede, por exemplo como pedir para ela soletrar o sobrenome no momento de fazer a reserva no hotel. Contudo, é possível perceber que acontece um certo tipo de apagamento quando o contexto de pedidos de informação de resumem logo inicialmente a fazer uma reserva em um hotel em Londres. Apagamentos que acontecem – contextos de pedidos de informação são sempre com referência a hotéis e viagens. Portanto, ficam os questionamentos: não há outros contextos em que precisamos também desse tipo de informação na vida real? Esse contexto não poderia ser relacionado a uma matrícula em algum curso? Porque o contexto social em que eu precise soletrar o meu nome precisa ser automaticamente relacionado a fazer um check-in em um hotel? Existem possibilidades mais abrangentes para poder repassar esse tipo de informação? Essa escolha por viagem e turismo é uma escolha aleatória ou marca uma determinada presença de classe social?

Figura 3 - Página 21 do livro English File Elementary

**Plan your trip to  
New York**  
with these top tips

**Go to the Rockefeller Center**  
It's cheap, and from the top floor you can see Central Park, the Empire State Building, and more. Remember to take your camera!

**Buy your tickets for the Statue of Liberty online**  
The Statue of Liberty is an American icon, but there are always long queues for tickets. Buy them on the internet before you go.

**Explore the city on foot**  
Don't rent a car in New York City. The best thing is to walk – but good shoes are very important! Slow down and listen to the city. Sit on the grass in Central Park on a sunny day. But if you are tired, take a bus or the subway!

Fonte: English File 1 (SELINGSON, 2019, p. 21)

Dando continuidade à ideia de que o livro constantemente propicia atividades que são relacionadas a viagens caras como turismo, naturalizando uma ideia de aprendizagem elitizada de inglês, a imagem acima mais uma vez parece confirmar essa concepção. Na figura 3 há um texto intitulado como “Planeje sua viagem para Nova Iorque com essas dicas principais”. Ao longo do texto podemos visualizar que o livro traz pontos turísticos da cidade a serem explorados, como o *Rockefeller Center*, a Estátua da Liberdade, o *Empire State Building*, etc. Diante dessa perspectiva, é possível afirmar que o livro novamente proporciona contextos sociais elitizados, visto que Nova Iorque é considerada uma das cidades mais caras do mundo; além disso, apaga outras realidades de turismo e lazer existentes em diferentes camadas sociais. Portanto, assim como Baibii e Sheikhi (2018, p. 4) mencionam, de fato

“os livros didáticos têm como objetivo influenciar os aprendizes, porém tal influência vem sendo direcionada a uma visão elitizada, como se o inglês fosse restrito a esses cenários, necessidades e interesses. O que as pessoas na

periferia de fato precisam é de uma aplicação crítica de tais materiais, fundamentada em análises acadêmicas” (2018, p. 3).

**Figura 4 – Página 56 do livro English File Elementary**

**1 READING & LISTENING**

a Read the beginning of a true story about a problem with a flight. Answer the questions.

- 1 Where did Adam and India want to fly to? Where from?
- 2 Who booked the tickets?
- 3 What problem do you think there was with the booking?

**Last March**, Adam and his girlfriend India, who live in Manchester, decided to go to Ibiza on holiday. India's stepfather booked the tickets for them with Ryanair. He needed Adam's surname. He wasn't sure what it was, so he looked on Facebook. The name on Adam's page was Adam West, and he booked the tickets in that name, to fly on 11th June.



Fonte: English File 1 (SELINGSON, 2019, p. 56)


**Figura 5 - Página 56 do livro English File Elementary**

- d You're going to listen to another true story. Before you listen, read sentences A–G and put them in a logical order, 1–7.
- A They tried to check in.
  - B Kevin booked the flights.
  - 1 C Kevin and Jeanette wanted to go on holiday to the Caribbean.
  - D They parked their car.
  - E They arrived at Birmingham Airport.
  - F They looked for flights online.
  - G They walked into the terminal.

Fonte: English File 1 (SELINGSON, 2019, p. 56)

**Figura 6 - Página 61 do livro English File Elementary**

#### 4 JENNY AND ROB GO SIGHTSEEING


a  7.23 Watch or listen to Rob and Jenny. Circle the correct option.

- 1 The Millennium / London Bridge is only for people.
- 2 It was the first new bridge over the Thames in 100 / 200 years.
- 3 Jenny doesn't like the theatre / Shakespeare.
- 4 Jenny can / can't meet Daniel for lunch.
- 5 There's a great gift shop / restaurant on the top floor of the Tate Modern.
- 6 The Tate Modern was a power / train station until 1981.



Fonte: English File 1 (SELINGSON, 2019, p. 61)

Figura 7 - Página 57 do livro English File Elementary


a  7.10 Listen and repeat the sentences.

1 -ed = 	I called a taxi. I used an app. It arrived in five minutes.
2 -ed = 	We talked about a holiday. We looked online. We booked a hotel.
3 -ed = /ɪd/	He needed a passport. He wanted it fast. He waited a long time.


Fonte: English File 1 (SELINGSON, 2019, p. 57)

Figura 8 - Página 43 do livro English File Elementary

#### 4 PRONUNCIATION places in London

- a  5.21 Place names in London are sometimes difficult for visitors to pronounce and understand. Listen and underline the stressed syllable in the **bold** words.

Bul cking ham Pa lace	the Hou ses of Par lia ment
Wem bley Sta di um	Tra fal gar Square
the Tow er of Lon don	St Paul's Ca the dral
Lei cester Square	West min ster A bbey
Pi cca di lly Cir cus	Co vent Gar den

- b Listen again and repeat the names.
- c  Role-play with a partner. Imagine you are in a taxi. **A** is the driver, **B** is the passenger. Have a short conversation. Use the phrases below.

A	B
Where do you want to go?	Is it far?
Where are you from?	Can you stop here, please?
Are you on holiday?	How much is it?
Do you like London?	Can I pay by credit card?

*Where do you want to go?*  
( Trafalgar Square, please. Is it far?

Fonte: English File 1 (SELINGSON, 2019, p. 43)

Figura 9 - Página 78 do livro English File Elementary

#### 1 VOCABULARY places and buildings

- a Complete these famous tourist sights in the UK and the USA with a word from the list.

Bridge Castle Gallery Park Square Street

- 1 The Brooklyn  connects Manhattan and Brooklyn.
- 2 Downing  is where the British Prime Minister lives.
- 3 Windsor  is the Royal Family's weekend home and the largest inhabited castle in the world.
- 4 Central  is a green space in the middle of New York.
- 5 The National  is London's most famous art museum.
- 6 Times  is the centre of New York's theatre district.

Fonte: English File 1 (SELINGSON, 2019, p. 78)

Nas figuras 6, 8 e 9 conseguimos enxergar novamente o livro trazendo o Reino Unido ou os Estados Unidos como destinos turísticos padrões para os estudantes da língua inglesa,

além de reforçar a ideia desses países serem os principais lugares não só para turismo e lazer, mas também para a utilização da língua inglesa, assim apagando novamente outros vários países onde a língua inglesa também figure como língua oficial ou segunda língua. A figura 8 mostra que o livro propõe atividade de escutar e repetir, para trabalhar os fonemas, porém reforçando um vocabulário voltado para viagens (hotéis, passaportes, táxis, etc). Além disso, também na figura 8, nota-se que o livro promove uma atividade em dupla em que os alunos precisem forçar um diálogo fingindo que estão em um táxi, provavelmente em Londres, já que o enunciado pede que eles usem o vocabulário previamente aprendido sobre os pontos turísticos da cidade. Assim, outra vez, o livro didático incentiva a idealização de que o inglês é uma língua apenas para determinadas ações de contextos mais elitizados, caros e privilegiados, uma vez que o livro proporciona atividades veiculadas a situações de luxo e contextos sociais de alto custo. Portanto, mais uma vez, ressalto o apagamento de outras classes sociais, problemas e contextos da realidade de alunos das escolas brasileiras e ao redor do mundo. Diante da análise, fica patente o quanto o livro didático reforça a imagem do inglês sendo utilizado apenas em países desenvolvidos e sendo padronizado como língua perfeita para a construção de um mundo perfeito.

**Figura 10 - Página 80 do livro didático English File Elementary**

The image shows a page from the textbook 'English File Elementary'. At the top, there is a world map with various travel-related icons: a cactus, palm trees, a shark, a plane, a camel, pyramids, a tiger, and a mosque. Several cities are labeled: CASABLANCA, PUNTA CANA, CARACAS, PARIS, and ISTANBUL. Below the map is a photograph of two men, Adrian Butterworth and Gunnar Garfors, sitting together. To the right of the photo is a dialogue between an interviewer and Gunnar, discussing a travel challenge to visit five continents in one day. The dialogue includes several blank spaces for students to fill in.

Adrian Butterworth

Gunnar Garfors

Interviewer Gunnar, Adrian, tell us your plan. How can you visit five continents in one day?

Gunnar We're going to <sup>1</sup> [ ] in Istanbul. Part of Istanbul is in Asia, which is our first continent. At 1.10 in the morning we're going to <sup>2</sup> [ ] to Casablanca, which is in Morocco, in North Africa. Continent number two.

Interviewer Are you going to <sup>3</sup> [ ] another flight immediately?

Adrian No, first we're going to <sup>4</sup> [ ] the famous mosque – it's the largest mosque in Morocco. Then our next flight is to Paris, at 7.35 in the morning.

Interviewer So Europe is your third continent. How long are you going to <sup>5</sup> [ ] in Paris?

Gunnar Five minutes, maybe? We're just going to <sup>6</sup> [ ] of the airport – that's one of the rules of our challenge – and then go back in. We only have one hour 55 minutes before our next flight, to Punta Cana in the Dominican Republic.


Interviewer So North America is your fourth continent?

Gunnar Yes, that's right. And from there the final flight is to Caracas in Venezuela, South America – our last continent. We're going to <sup>7</sup> [ ] at 22.05. And then we're going to <sup>8</sup> [ ]

Figura 11 - Página 81 do livro didático English File Elementary


## 2 PRONUNCIATION & SPEAKING

### sentence stress

a  10.11 Listen and repeat the conversations. Copy the rhythm.

1 A **What** are you going to **do** this summer?  
B I'm going to **go** to **France**.

2 A Are you going to **go out** on Friday night?  
B **Yes**, I'm going to **see** a **film**.

b  **Communication** What are you going to do? A p.107  
B p.112 Interview a partner about his / her plans.

Fonte: English File 1 (SELINGSON, 2019, p. 81)

A figura 10 é referente a uma atividade da Unidade 10B, intitulada como “*Five continents in a day*” (Cinco continentes em um dia), onde dois homens visitam 5 continentes em um dia e descrevem esse acontecimento no texto ilustrado. Eles começam a viagem na Ásia e finalizam na América no Sul, o que caracteriza praticamente uma volta ao mundo em 24 horas, algo que pessoas extremamente privilegiadas e de altíssima renda, seriam capazes de fazer. A atividade que está ilustrada na figura 11, também relacionada à temática de viagens, é sobre pronúncia e fala, onde os alunos precisam escutar e repetir conversas referentes ao que vão fazer no verão, onde é respondido que a pessoa irá para a França. Portanto, é explícito o quanto o livro majoritariamente busca enfatizar questões de lazer focadas em viagens a destinos extremamente caros. Baibii e Sheikhi (2018, p. 20) também ressaltam o exagero dos autores de livros didáticos de inglês em abordar viagens e turismo:

“Várias seções do *English Result*, por exemplo, estão relacionadas a estrangeiros e países estrangeiros. Um grande número de textos aborda questões de turismo e viagens para cidades e países em toda a Europa e diferentes partes do mundo (Rússia, Estônia, China, Singapura, Índia, Austrália, França, Finlândia, Espanha, Etiópia, Amazônia e Tanzânia)”. (2018, p. 20).

Logo, é possível perceber que o livro demonstra uma falta de interesse em abordar e explorar outras temáticas, especialmente relacionadas a questões de políticas públicas, tais como saúde, transporte, educação, lazer, etc. Daí, surge a ideia de que o inglês seria utilizado e



usufruído somente em viagens. Assim como afirmam Baibii e Sheikhi (2018, p. 11), “as restrições orientadas pelo neoliberalismo no 'conteúdo' podem potencialmente controlar o 'conhecimento e crenças' dos aprendizes, ou seja, a ideologia neoliberal que habita no livro didático de inglês pode comandar as mentalidades de quem quer aprender inglês”.

Figura 12 - Página 81 do livro didático English File Elementary

## 5 WRITING

**W** p.117 **Writing** A formal email Make a reservation in a Bed and Breakfast.

Fonte: English File 1 (SELINGSON, 2019, p. 81)

Figura 13 - Página 81 do livro didático English File Elementary

## 4 VOCABULARY & SPEAKING

city holidays

- a Complete the holiday phrases with a verb from the list.

---

book buy eat go have meet  
rent stay visit

---

- |   |                      |                                  |
|---|----------------------|----------------------------------|
| 1 | <input type="text"/> | a flight, a train, accommodation |
| 2 | <input type="text"/> | by train / bus / plane           |
| 3 | <input type="text"/> | a car / a flat                   |
| 4 | <input type="text"/> | in a hotel / hostel              |
| 5 | <input type="text"/> | out (in local restaurants)       |
| 6 | <input type="text"/> | museums and art galleries        |
| 7 | <input type="text"/> | souvenirs                        |
| 8 | <input type="text"/> | a good time                      |
| 9 | <input type="text"/> | new people                       |

- b Talk to a partner. What do you like doing on holiday? Try to find some things you have in common.

Fonte: English File 1 (SELINGSON, 2019, p. 81)

Dando sequência à essa análise, apresento essa atividade de Writing (escrita), apresentada na figura 12, que requer que os alunos elaborem um e-mail formal solicitando uma reserva em um quarto com café da manhã. Aqui, ressalto que em todas atividades: atividades de leitura, pronúncia, fala, vocabulário, escuta e escrita, a mesma temática é abordada, de diferentes maneiras. Além disso, na figura 13, que aborda um exercício associado a vocabulário e fala, temos o tópico de feriados, onde os alunos precisam completar as frases com os verbos relacionados ao tópico. “Reservar um voo”, “Ir de trem, ônibus ou avião”, “Alugar um carro ou flat”, “Ficar em um hotel ou hostel”, “Comer em restaurantes locais”, “Visitar museus e galerias de arte”, “Comprar presentes”, “Ter um bom momento” e “Conhecer pessoas novas” são as frases que os alunos precisam completar. É perceptível que a maioria das frases se refere à temática de viagens e apenas duas delas se excluem desse tema, ou seja, as duas últimas. Entretanto, fica o questionamento: que outras atividades poderiam ser realizadas em um feriado? Precisam ser necessariamente viagens? Porque não trabalhar um vocabulário relacionado aos membros da família, já que visitar a família poderia ser uma opção do que fazer no feriado? Ou então ir ao parque, ir ao cinema, visitar os amigos... Portanto, constata-se que tanto ao falar em férias quanto feriados, o livro padroniza programas de lazer como viagens e turismo, proporcionando assim uma desigualdade social enorme entre os estudantes que possuem esse privilégio e os que não, e também provando mais uma vez que livro permite que a elitização do ensino de inglês aconteça, tanto explicitamente quando implicitamente.

## **2. Identidade e Território**

As figuras a seguir ilustram um pouco da questão identitária e territorial no livro didático, que é mais voltada para a ideia de sotaque americano e britânico como padrões a serem seguidos:


**Figura 14 - Página 12 do English File Elementary**

 **British and American English**  
*lift* = British English    *elevator* = American English  
*z* = /zed/ British English    /zi:/ American English

**Greetings**  
*Good morning* = > 12.00  
*Good afternoon* = 12.00 > 18.00  
*Good evening* = 18.00 >  
*Goodnight* = Goodbye (when you go to bed)  
*madam* = a polite way to greet a woman  
*sir* = a polite way to greet a man

Fonte: English File 1 (SELINGSON, 2019, p.12)

**Figura 15 - Página 17 do livro English File Elementary**

 **British and American English - the same, but different**

**British and American people speak the same language, English, but with some small differences.**

**1 Vocabulary** Some words are different in American English, for example, they say *ZIP code*, not *postcode*; *vacation*, not *holiday*; and *cell phone*, not *mobile phone*. Some words have different meanings, for example, in British English a *purse* is a thing where women have their money and credit cards. In American English a *purse* is a woman's bag.

**2**  *Colour, favour*, and other words that end in *-our* in British English end in *-or* in American English. *Centre, theatre*, and other words that end in *-tre* in British English end in *-ter* in American English.

**3**  There are some small differences, especially prepositions. For example, Americans say *See you Friday*, but British people say *See you on Friday*.

**4**  This is the really important difference between American and British English. American accents and British accents are very different. When an American starts speaking, British people know he or she is American, and vice versa.

- a Read the article once. Complete it with the headings.  
**Grammar Pronunciation Spelling Vocabulary**

Fonte: English File 1 (SELINGSON, 2019, p. 17)

**Figura 16 - Página 17 do livro English File Elementary**

- c Mark the sentences **T** (true) or **F** (false).
- 1 American English and British English are very different.
  - 2 *Holiday* and *postcode* are the same in British and American English.
  - 3 *Purse* has a different meaning in American and British English.
  - 4 *Kilometer* is the British spelling.
  - 5 British and American grammar are not very different.
  - 6 It's difficult to know if a person is English or American from their accent.
- d Do you know any more words which are American English, not British English?

Fonte: English File 1 (SELINGSON, 2019, p. 17)

Nas figuras 14, 15 e 16 é possível notar que para fazer relação ao ensino de pronúncia, o livro traz as variedades britânica e americana, sem fazer menção a outras. Há um apagamento de outros sotaques, da existência de outras formas de falar e usar o inglês ao redor do mundo, marcando a hegemonia do inglês no eixo EUA-Inglaterra como padrões a serem seguidos. Uma democratização requer abertura para a inserção de inglês de outros espaços, outras identidades, outras culturas, no cenário do livro didático, o que infelizmente não ocorre. Consideramos esse movimento um processo de elitização do inglês no cenário mundial e, para nossa realidade, a brasileira em específico, uma vez que culturas tais como a sul africana, nigeriana, etc., que são também espaços de falantes de inglês como língua oficial, são apagados da discussão proposta no livro. Esse apagamento mostra uma escolha por países onde há maior desenvolvimento no que diz respeito a economia global. Com isso, discuto que o livro didático privilegia esse tipo de espaço em detrimento de países e culturas onde o avanço econômico, no modelo global, é menor, tal como Baibii e Sheikhi (2018, p. 5) afirmam que muitos estudos documentaram a presença explícita e implícita de ideologias discriminatórias nos livros didáticos de ensino de inglês, abrangendo desde sexismo e racismo até imperialismo e centrismo no inglês.

**Figura 17 - Página 22 do livro English File Elementary**

**WHAT THE BRITISH LIKE ABOUT BRITAIN**

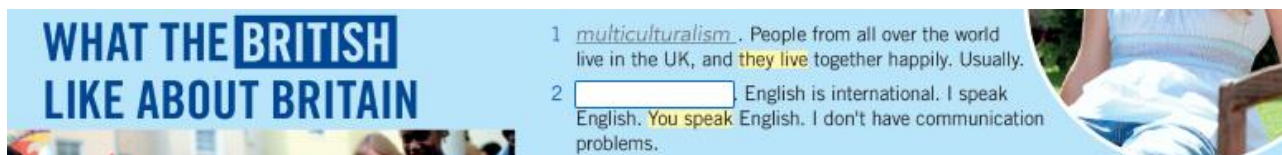
- 1 *multiculturalism*. People from all over the world live in the UK, and **they live** together happily. Usually.
- 2 . English is international. I speak English. **You speak** English. I don't have communication problems.
- 3 . My garden's small, but **I have** flowers and vegetables in it. When the sun's out I sit in the garden and I feel really happy.
- 4 . I wear what I want. I say what I want. I do what I want.
- 5 . I listen to the radio in the morning and I watch TV in the evening. A lot of programmes are interesting, funny, or educational. Sometimes all three.
- 6 . **We drink** there, and we eat there, too – the food now is very good.
- 7 . It's cold, but not very cold. It's hot, but not very hot. **It rains**, but it doesn't rain every day.
- 8 . **My boyfriend cooks** fantastic curries, and the UK is great for Indian restaurants!

Fonte: English File 1 (SELINGSON, 2019, p. 22)

Na imagem acima, no texto intitulado como “*What the British like about Britain*”, que fala sobre o que os britânicos gostam no país deles, conseguimos visualizar logo na primeira linha do texto, que o livro traz uma denominação do termo *multiculturalismo*. O texto afirma que “pessoas de todo o mundo moram no Reino Unido, e eles moram juntos e felizes, geralmente”. Essa descrição é de imediato chocante, visto que Bauman (2000, p. 34) argumenta que “as sociedades contemporâneas são marcadas por uma multiplicidade de identidades e culturas, mas também por uma falta de estruturas sólidas que possam integrar efetivamente essa diversidade”. Ele observa que, em vez de promover uma verdadeira coexistência e entendimento entre as culturas, “o multiculturalismo muitas vezes resulta em formas superficiais de tolerância, onde as diferenças são aceitas, mas não necessariamente compreendidas” (2000, p. 162). Baibii e Sheikhi (2018, p. 19) também recordam o fato de que uma das grandes promessas do neoliberalismo é a criação de um mundo multicultural e que a educação deveria preparar o terreno para esta Terra Prometida. De acordo com Feinberg (2015, p.19 apud Baibii e Sheikhi, 1998), “a escola é vista como tendo um papel de formação pública que inclui a ideia de possibilitar que formações culturalmente diferentes floresçam dentro da mesma nação” (p. 10).

Além disso, o livro também aborda o inglês como a “língua internacional”, afirmando que a pessoa que fala inglês não possui problemas de comunicação:

**Figura 18 - Página 22 do livro English File Elementary**



Fonte: English File 1 (SELINGSON, 2019, p. 22)

Portanto, o livro traz uma visibilidade extremamente superior do inglês em relação a outras línguas. Através desse ponto de vista, o inglês se torna uma língua mais importante e teoricamente “perfeita” na qual não ocorrem problemas de comunicação, o que novamente proporciona vários apagamentos relacionados à falta de reconhecimento e importância com outras línguas internacionalmente faladas, além de fazer alusão a existência de uma língua que não possui problemas comunicativos, trazendo essa imagem de que de fato existe uma língua perfeita.

Figura 19 - Página 74 do livro didático English File Elementary

- 1 VOCABULARY** high numbers
- a Read three questions from a radio quiz show. Choose a, b, or c.
- 1 What is the population of the UK?  
 a 47,000,000  
 b 57,000,000  
 c 67,000,000
  - 2 How far is it from New York City in the east to Los Angeles in the west?  
 a 2,500km  
 b 4,000km  
 c 5,000km
  - 3 How many politicians are there in the British Parliament?  
 a 450  
 b 650  
 c 750

Fonte: English File 1 (SELINGSON, 2019, p. 74)

Na figura 17, o livro traz um vocabulário de “High Numbers”, ou seja, números grandes. Percebe-se o quão inacreditável é o fato de que os países do Reino Unido e Estados Unidos são repetidamente mencionados no livro, até em atividades que não estão relacionadas a viagens e turismo. Constata-se que ao aprender os números grandes em inglês, os alunos precisam

responder perguntas relacionadas ao número da população existente no Reino Unido, ou sobre a distância entre as cidades de Nova Iorque e Los Angeles, ou então sobre quantos políticos há no Parlamento Britânico. Teoricamente, espera-se que o aluno tenha um conhecimento prévio sobre esses assuntos e correlacione o processo de aprendizagem de números grandes com países já anteriormente padronizados pelo próprio livro como países falantes da língua inglesa. Há assim um destaque e exaltação desses países de primeiro mundo e um apagamento não só de outros países falantes da língua inglesa, mas também de outras correlações que poderiam ser analisadas diante do conteúdo de números grandes. Diante disso, discuto o porquê de, ao ensinar os números grandes, necessariamente o livro precisar relacionar aos países Estados Unidos e Reino Unido. Quais outros tópicos poderiam ser relacionados a esse conteúdo? Esses são um dos pontos que guiam o meu trabalho e me fazem questionar porque tamanho descaso com outros contextos sociais que poderiam ser utilizados no livro didático.

### **3. Trivialidades e consumo**

Outra questão é o tratamento neutro para questões da vida social. Há uma ênfase em trivialidades, tais como consumo fácil (hotéis, viagens, restaurantes, lojas), apreciação de condições climáticas (clima quente, chuvas, sol) e determinadas comidas (batatas, peixe, bebidas). Através da análise do mesmo livro em questão neste trabalho, Baibii e Sheikhi (2018, p. 11) mencionam que mais de 50% dos tópicos estão diretamente (por exemplo, conseguir um emprego, questões financeiras, entrevistas, compras) ou indiretamente (por exemplo, celebridades, moda, publicidade) relacionados aos valores neoliberais. Acrescento, a isso, que esses valores neoliberais exaltam o aspecto de condições privilegiadas de acesso e consumo em sociedades capitalistas. As figuras a seguir ilustram essa questão:

**Figura 20 - Página 23 do livro English File Elementary**

**Khalal, 39, is from Iraq. He lives in Newcastle.** I don't like the weather. One minute it's hot and the next it rains. It changes all the time. And I don't like the food. Potatoes, potatoes, potatoes...

**Camille, 20, is from France. She lives in Liverpool.** The British are friendly. People in the street often call me 'love', 'sweetheart', and 'darling'. It makes me happy!

**Shurooq, 21, is from Oman. She lives in Chorlton, Manchester.** In the UK women have a lot of freedom. In my country, if I want to go to the bank I take my brother and he does everything for me. Here I do everything. I like the weather here. I love days when it rains, or it's cold. It's so different from the weather in Oman! The people are also nice and friendly.

**Michelle, 24, is from Canada. She lives in London.** My favourite thing about Britain is the Scotch eggs. We don't have Scotch eggs where I come from. Everybody says that British food is awful, but I love it, especially in pubs. The shops are great, too, for example, Topshop and Primark.



**Lian Tang, 24, is from China. She lives in Manchester.** I love the UK. Why? Because I like the culture, the art, the history. I also love the beautiful scenery, for example in Cornwall and in Scotland. The only things I don't like about the UK are the weather and the food. I really don't like fish and chips.

Fonte: English File 1 (SELINGSON, 2019, p. 23)

Figura 21 - Página 42 do livro English File Elementary

# 5C A city for all seasons

Look! It's snowing! It doesn't often snow here.

**G** present simple or present continuous? **V** the weather and seasons **P** places in London

**1 VOCABULARY & LISTENING**  
the weather and seasons

**a** Look at the weather forecast for the week and answer the questions.

- 1 What's the maximum temperature? What's the minimum?
- 2 What time of year do you think it is?
- 3 Do you think it's typical weather for London?

WEATHER London					
Mon	Tue	Wed	Thu	Fri	
18° 10°	19° 10°	19° 11°	21° 12°	20° 10°	

**b** **V p.159 Vocabulary Bank** The weather and dates Do Part 1.

**c** **5.19** Listen to a travel guide talking about the weather in London. Mark the sentences **T** (true) or **F** (false). Then listen again and say why.

- 1 It's often very hot or very cold.
- 2 The normal temperature in the summer is 22°C.

**b** Read the messages again, and focus on the **highlighted** verbs. When do we use the present simple? When do we use the present continuous?

**c** **G p.132 Grammar Bank 5C**

**d** **C Communication** What do you do? What are you doing now? **A p.105 B p.111** Ask and answer questions.

**What to do in London at different times of the year**

**In spring**  
Watch (or run!) the London Marathon. One of Europe's biggest marathons takes place in spring every year, usually in April. About 40,000 people, including top runners and celebrities, run 26.2





Figura 22 - Página 42 do livro English File Elementary

**2 GRAMMAR** present simple or present continuous?

a Look at the photos and the messages. Why are Tim and Jane sad?

**Mike** FRI 07.01  
View from my window this morning. **It's snowing.** Hooray! I love winter!



**Jane** MON 11.30  
We're in Mexico – Cancún – but **it's raining!** ☹️

**Lizzie** MON 17.35  
Poor you! **Does it often rain** there in March? I'm walking home, and it's a beautiful evening – the sun's shining. Sorry!



**Tim** FRI 08.04  
Lucky you! I love the snow. **It never snows** here in Valencia. ☹️

De acordo com Block (2017, p. 7) de fato, nenhum dos personagens que aparecem no livro parece “viver em um mundo de endividamento, ou pior, sob a ameaça de despejo de suas casas. Nenhum parece trabalhar em um mercado de trabalho precarizado no qual são mal remunerados e explorados. E sair para comer em um restaurante é apresentado como algo que todo mundo pode fazer”. No entanto, mais uma vez reforço o quanto o livro didático de inglês se demonstra muitas vezes distante da realidade em que vivemos e promove uma visão elitizada do acesso ao inglês. Portanto, torno a mencionar Grigoletto (2003), que argumenta que “pelo modo de funcionamento dos discursos que o atravessam, o livro didático propõe ao aluno identificar-se com o discurso de igualdade, da neutralidade e da convivência harmônica, como condição para exercer seu papel de bom aprendiz e bom cidadão”, como podemos visualizar na figura 20, logo no segundo tópico, quando a Camille da França, que se mudou para Londres alega que os britânicos são amigáveis, consequentemente reforçando a neutralidade e convivência harmônica citada por Grigoletto (2003). Além disso, a mesma autora afirma que, “de forma geral, o aluno tem de se ‘encaixar’ na realidade da outra cultura, em vez de olhá-la contrastivamente”, assim como as figuras ilustram acima.

## Considerações finais

Entretanto, depois de concluir o meu trabalho e de aprofundar pesquisas que tive como embasamento, fui capaz de enxergar que não só há muitos indícios de elitização em livros didáticos internacionais, mas também que, de fato, o livro didático elitiza de forma exagerada o acesso ao inglês. Durante a realização deste trabalho, consegui assimilar que grande parte de profissionais da educação muitas vezes se tornam alheios a essa questão e não se comprometem em construir uma postura crítica com os alunos, fazendo assim com que o próprio docente e o aluno sejam propícios a acreditar nessa visão elitista e que reforça valores neoliberais. Muitas pesquisas, assim como foi citado neste trabalho, mostram a questão da elitização em livros didáticos internacionais, então ressalto o quão absurdo é as editoras internacionais não estarem se preocupando com o que as pesquisas estão mostrando, tanto que o livro didático *English File Elementary* já se encontra na quarta edição.

Contudo, ao longo da execução deste trabalho, aprendi que a visão elitista no ensino da língua inglesa frequentemente passa despercebida, sem que os profissionais se posicionem e nem os alunos. Nesse sentido, assim como argumenta Siqueira (2012, p. 326), apesar de significativas mudanças na maneira de se ensinar e aprender línguas planeta afora, o “mundo plástico” do livro didático de LE manteve (e ainda mantém) firmes laços de fidelidade a realidades que buscam se distanciar daquelas de grupos sociais marginalizados e/ou invisibilizados. Logo, no que se refere tais realidades distantes, Siqueira (2012, p. 326) traz o termo “Disneilândia pedagógica”, que se trata de um ambiente que esses materiais ainda insistem em perpetuar. É necessário que essa visão elitista seja desconstruída dentro dos contextos educacionais e fora também. Ademais, ressalto o quão importante é compreender que o inglês pode participar de diversos e diferentes interesses, e não só para viagens, turismo, trivialidades e consumo, como destaquei e discuti ao longo do meu trabalho. O inglês deve ser visto como uma língua para todos e em diferentes contextos sociais, e não somente em situações que requerem uma alta posição social.

Portanto, cabe aos profissionais da educação linguística olharem criticamente para os tipos de materiais que são adotados para dentro de sua sala de aula, já que as editoras se preocupam em atender aos interesses do mercado. Além disso, cabe também a formação de

professores, formar professores críticos que saibam usar criticamente seus materiais e construir materiais adequados para seus próximos alunos.

## Referências Bibliográficas

BABAIL, ESMAT & SHEIKHI, MOHAMMAD. Traces of Neoliberalism in English Teaching Materials: a critical discourse analysis. *Critical Discourses Studies*, 2018. <https://www.researchgate.net/publication/320926992>

BALADELI, ANA PAULA. Questões de identidade em sala de aula: que sentidos de brasilidade apresentam os livros didáticos? Paraná: Pontes Editores, 2014.

BLOCK, D. (2017). Neoliberalism, the neoliberal citizen and English language teaching materials: A critical analysis/Neoliberalismo, el ciudadano neoliberal y los materiales para la enseñanza de la lengua inglesa: un análisis crítico. *Ruta Maestra*, 21: 4-15.

CAMARGO, MÁBIA & FERREIRA, APARECIDA. Identidades sociais de raça no livro didático de língua inglesa: a branquitude como norma. Paraná: Pontes Editores, 2014.

FERREIRA, APARECIDA. Identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe nos livros didáticos de língua estrangeira na perspectiva da linguística aplicada. Paraná: Pontes Editores, 2014.

JORGE, MÍRIAM. Livros didáticos de línguas estrangeiras construindo identidades positivas. Minas Gerais: Pontes Editores, 2014.

JOVINO, IONE. Representação de negros e negras num livro didático de espanhol: alguns apontamentos. Paraná: Pontes Editores, 2014.

LATHAM-KOENIG, CHRISTINA; OXENDEN, CLIVE & SELIGSON, PAUL. *English File Elementary (fourth edition)*. Oxford University Press, 2019.

LATHAM-KOENIG, C. (2023, 12 de dezembro). Biografia. Oxford University Press. Recuperado de [https://elt.oup.com/bios/elt/1/latham-koenig\\_c?cc=global&selLanguage=en](https://elt.oup.com/bios/elt/1/latham-koenig_c?cc=global&selLanguage=en)

MASTRELLA-DE-ANDRADE, MARIANA & RODRIGUES, JAYFFERSON. A construção de identidades no livro didático de inglês: classe social, raça e o outro. Brasília: Pontes Editores, 2014.

MOITA LOPES, LUIZ PAULO. Pesquisa interpretativista em linguística aplicada: a linguagem como condição e solução. Rio de Janeiro: D.E.L.T.A., 1994.

NASCIMENTO, GABRIEL. E a história não acabou... A representação da identidade de classe social no livro didático de língua inglesa. Brasília, 2016. 164 f.

OXENDEN, C. (2023, 12 de dezembro). Biografia. Oxford University Press. Recuperado de [https://elt.oup.com/bios/elt/o/oxenden\\_c?cc=global&selLanguage=en](https://elt.oup.com/bios/elt/o/oxenden_c?cc=global&selLanguage=en)

PEREIRA, ARIIVALDO. Identidades sociais de gênero em livros didáticos de língua estrangeira. Goiás: Pontes Editores, 2014.

ROSA, G. da C., DUBOC, A. P., & SIQUEIRA, S. (2023). Inglês como Língua Franca (ILF) em campo: reflexos e refrações na BNCC. *Perspectiva*, 41(1), 1–25. <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2023.e92461>

SCHEYERL, DENISE & SIQUEIRA, SÁVIO. Materiais didáticos para o ensino de línguas na contemporaneidade: contestações e proposições. Bahia: EDUFBA, 2012.

SELIGSON, P. (2023, 27 de novembro). Biografia. Oxford University Press. Recuperado de [https://elt.oup.com/bios/elt/s/seligson\\_p?cc=global&selLanguage=en](https://elt.oup.com/bios/elt/s/seligson_p?cc=global&selLanguage=en)

SILVA, PAULO V., TEIXEIRA, ROSANA & PACIFICO, TÂNIA. Programas de distribuição de livros e hierarquias raciais: o que dizem os alunos negros/as? Paraná: Pontes Editores, 2014.

SOUZA, JESSÉ. A elite do atraso. São Paulo: Editora Estação Brasil, 2019.

SOUZA, JESSÉ. Ralé brasileira: quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

TILIO, ROGÉRIO & SOUTO, ELIO. Gênero e sexualidade em livros didáticos: impactos da avaliação do PNLD? Rio de Janeiro: Pontes Editores, 2014.